

Humanos ou bárbaros: avaliações após o desfecho do caso Lázaro Barbosa

Em relação ao final da história, o sucesso é relativo: a ameaça cessou, Lázaro está morto, mas, numa ótica mais ampla, o verdadeiro sucesso seria capturá-lo com vida



Cássio Thyone Almeida de Rosa
7 de julho de 2021

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS



Policiais militares envolvidos na operação de caçada a Lázaro Barbosa chegam em carreta comemorando a captura e morte do criminoso, à base das operações, em Girassol, distrito de Cocalzinho, no estado de Goiás

Após exatos 20 dias chegou ao fim a maior operação de busca e captura da história da polícia brasileira, a de Lázaro Barbosa, o foragido que conseguiu, de uma forma sem precedentes, trazer constrangimento para instituições policiais, em especial para seus comandantes. Lázaro protagonizou seu derradeiro ato em vida na manhã de uma segunda-feira, morto em um alegado confronto contra as forças policiais.

A marca deixada pelo evento se estabelece por diferentes perspectivas:

- Pela duração: 20 dias;
- Pelos números: cerca de 270 profissionais de forças de segurança pública, entre policiais militares do DF e GO, policiais civis, também de ambas as unidades da federação, policiais rodoviários federais, policiais federais, profissionais da Diretoria Penitenciária de Operações Especiais do Distrito Federal (DPOE-DF), além de profissionais dedicados à Inteligência de diversas forças e órgãos;
- Pelos recursos financeiros mobilizados: estimados em R\$ 19 milhões;

- Pelo aparato empregado: contingente, quatro helicópteros, viaturas, drones com câmeras de infravermelho, cães farejadores, cavalaria;

Mas como medir de forma objetiva o sucesso de uma operação como essa? Pelo tempo? Pelo resultado final? Muitos dirão que poderia ser pelo tempo. Claro que a operação poderia ter durado um tempo menor e assim receber uma aviação melhor de seus críticos, mas é preciso considerar a complexidade relacionada às características intrínsecas dessa operação, tais como a dimensão da área de buscas, as nuances da geografia da área, com vegetação de cerrado, campos de cultivo, matas ciliares, grotas, afloramentos rochosos, além de inúmeras propriedades rurais em meio a quatro núcleos populacionais. E ainda há que se levar em conta as habilidades do foragido, acostumado com a região, preparado para deslocar-se nesse meio e contando com o apoio de pessoas, algumas delas já identificadas e presas.

Em relação ao desfecho, o sucesso é relativo: a ameaça cessou, Lázaro está morto, mas, numa ótica mais ampla, o verdadeiro sucesso seria se ele fosse capturado vivo! A própria investigação que segue agora em curso seria facilitada caso ele pudesse ser interrogado e respondesse na justiça pelos crimes cometidos.

Pairam ainda inúmeras dúvidas em relação ao próprio desfecho da morte de Lázaro, ocorrida em confronto. Ele estava mesmo vivo ao ser socorrido? Os 125 disparos de arma de fogo realizados nesse confronto (segundo informações de um dos comandantes da operação, veiculadas na mídia) foram todos feitos em ações de legítima defesa? Os cerca de 40 disparos que atingiram o foragido foram todos no mesmo instante, como ocorre num fuzilamento? E por fim: foi realizada uma perícia para exame de local (mesmo sem um corpo, os vestígios ali presentes nos obrigam, pelo Código de Processo Penal, à realização de uma perícia, vide artigo 158 do CPP).

Art. 158. “Quando a infração deixar vestígios, será indispensável o exame de corpo de delito, direto ou indireto, não podendo supri-lo a confissão do acusado”. Grifo do autor.

Posso estar enganado, mas não encontrei a referência a esse exame e não tenho visto ninguém se pronunciar a respeito!

Difícilmente o desfecho seria diferente, graças a toda repercussão que teve o caso. A operação se tornou quase que uma disputa do bem contra o mal. O clamor popular, junto com toda a pressão e estresse vividos pelos policiais, alimentados ainda pela espetacularização do evento e até mesmo por declarações infelizes vindas de governantes, tornaram o clima, sem dúvida, propício a esse desfecho. Difícilmente se esperaria algo diferente do que aconteceu. A não ser que o próprio Lázaro, nos intervalos nos quais estava sendo procurado, chegasse a um local e se entregasse desarmado.

A avaliação dos erros e acertos começa a ser realizada agora:

Integração entre as forças policiais: Em que pese a clara cooperação observada entre as diferentes forças de segurança (mais notada a partir da metade da operação), a dificuldade da integração nos remete ao que ocorre no dia a dia da segurança pública no Brasil e é preciso admitir que não poderíamos esperar algo tão diferente. Basta constatarmos que o que ocorre no ambiente macro no país seria também esperado no ambiente micro nessa operação.

Áudios com policiais reclamando de uma coordenação única e com indícios das chamadas “ vaidades corporativas ” chegaram à mídia, escancarando ainda mais essa dificuldade.

Mesmo com esse ruído, a operação não deixou de ser um aprendizado. Erros e acertos que servem ao menos para nos ensinar!

A “espetacularização” do caso: essa foi uma constatação bastante negativa ligada à operação. Imagens durante a operação, selfies de policiais, políticos em helicópteros com metralhadora em punho desmerecendo o trabalho policial para atrair holofotes, cobertura midiática com altas doses de sensacionalismo; a própria cena do corpo carregado já sem vida, vídeos e fotos nas redes sociais mostrando o cadáver de Lázaro cravejado por projéteis de arma de fogo; enfim, um espetáculo, mas que só contribui ainda mais para a banalização da violência.

Quanto aos nossos políticos que seguem com práticas comparáveis às de Odorico Paraguaçu, prefeito da fictícia Sucupira, nossa desaprovação!

A intolerância religiosa: ao profanar templos de religiões com matriz africana, a polícia escancarou o preconceito, o racismo estrutural e, para piorar, contou com uma difamação estabelecida por fake news propagadas até mesmo por veículos de imprensa. A suposta satanização do foragido ficou no campo da mentira. Mais um erro lamentável!

Falhas de um sistema: a operação como um todo nos obriga também a estender nossa avaliação sobre diversos “gargalos” relacionados à segurança pública, dentre os quais o papel do sistema judiciário, o do sistema penitenciário. É preciso repensar

alguns pontos como o das avaliações criminológicas, se estas estão sendo efetivamente realizadas e se influem de modo claro nas decisões sobre as progressões. Sobre as fugas de Lázaro, mais uma falha sistêmica a ser corrigida.

Sobre o que ficou pendente: além das explicações não dadas, começam a ser revelados, a conta gotas, detalhes do prosseguimento da investigação. Uma carta encontrada, os valores em dinheiro, as roupas que ele vestia, mantimentos que carregava. Agora é preciso buscar as ligações de Lázaro com pessoas da região. A pergunta que se deve fazer, dentre outras é: a quem interessava que Lázaro escapasse do cerco? Quem o ajudou e por quê? Trabalhando agora sem a pressão que ocorria durante a operação, a inteligência e o núcleo investigativo poderão alcançar as respostas.

Apesar de tantas comemorações após a morte do foragido, nossa reação deveria ser de tristeza pelo desfecho, pela morte das vítimas da família Vidal, pela morte do próprio Lázaro. Não podemos nos ver simplesmente como espectadores de uma caçada animal. Como sociedade, é preciso buscar cada vez mais a proximidade do que chamamos civilidade. O resto é barbárie!

Cássio Thyone Almeida de Rosa

Graduado em Geologia pela UNB, com especialização em Geologia Econômica. Perito Criminal Aposentado (PCDF). Professor da Academia de Polícia Civil do Distrito Federal, da Academia Nacional de Polícia da Polícia Federal e do Centro de Formação de Praças da Polícia Militar do Distrito Federal. Ex-Presidente e atual membro do Conselho de Administração do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

<https://fontesegura.org.br/pericia-em-evidencia/5phd677tve>

